

## A POEIRA DA HISTÓRIA

### Uma leitura de *Noturno do Chile* de Roberto Bolaño

Elaine Zeranze Bruno

Mestranda em Ciência da Literatura-UFRJ/FAPERJ

#### Introdução

O escritor Roberto Bolaño cumpriu de modo impecável a dura tarefa conferida à literatura que representa o *breve século XX*. Numa sociedade em que imperam a violência mercantilizada e jogos literários banalizados. Para usar o termo de Guy Debord, crítico caro para Bolaño, numa *sociedade do espetáculo* o grande desafio de um autor é pensar o mundo e dar forma estética à brutalidade sem transformar a arte em mais um clichê sentimentalista e espetacularizado. E isso Bolaño soube fazer com perfeição. Chileno de Santiago, autor numa família de iletrados, Bolaño considerava-se antes de tudo um poeta, assim como Nicanor Parra.

Contudo foi com seus romances que fez fama. Dono de uma obra tão poética quanto virulenta, Bolaño tem o intrincado ofício de unir os fragmentos do passado, como uma arqueologia da memória de um instante histórico marcante e sombrio do qual fez parte. Sua tarefa é a de juntar os cacos compondo o mosaico da memória e dar forma à sua literatura.

O presente trabalho visa analisar um de seus romances mais conhecidos, *Noturno do Chile*, que a priori deveria se chamar, como Bolaño desejava, *Tormenta de merda*, como na última frase do romance: “*E depois desencadeia a tormenta de merda*”. *Noturno do Chile* trata de forma alegórica a História do Chile, sobretudo o período que vai da eleição e a vitória de Salvador Allende até o momento mais sombrio pelo qual o país passou, durante a ditadura de Pinochet, após o sangrento 11 de setembro. Ao longo do livro Bolaño apresenta ao leitor *alegorias da violência*. De modo muito preciso e cifrado, o romance de Bolaño dá forma a um sentido crítico e forte da História. Sentido histórico que faz parte de uma longa derrota. Segundo Hobsbawm, “o mundo que se esfacelou no fim da década de 1980 foi o mundo formado pelo impacto da Revolução Russa de 1917”. (HOBSBAWM, 1995, p.14).

O século XX, ou a Era dos Extremos, como a denomina Hobsbawm, é formado por uma avalanche que vai acumulando catástrofes, tendo como ponto de partida a Primeira Grande Guerra e encerrando na queda do muro de Berlim e o final da URSS. Dentro dessa lógica cronológica, há três momentos, ou ainda, três Eras, que marcaram o breve século XX. A Era das catástrofes, com duas Guerras mundiais seguidas; a Era de ouro surgida como uma trégua e um fio de esperança para a humanidade, depois da II Guerra e uma fase prosperidade; e a Era das derrotas, que arremata todas as

ilusões, transformando-se em uma época de grande desconsolo. É a época histórica onde está situado o *Noturno do Chile*.

A partir do narrador em primeira pessoa do livro de Bolaño, em crise já perto de sua morte, podemos imaginar um comentário filosófico, de certo modo uma alegoria, uma espécie de duelo entre o Bom Selvagem, de Rousseau, e o Leviatã, de Hobbes. Essas são duas teses centrais na História da Filosofia a respeito do Homem e sua natureza. Hobbes defende a imagem do homem como uma fera que deve ser reprimida, sendo o homem representado pelo Leviatã e as rédeas pela sociedade. Em contrapeso, Rousseau define o homem como essencialmente bom e a sociedade como corruptora de sua natureza benigna.

As teorias de Hobbes e Rousseau mostram dois extremos da personalidade humana e querem definir sua natureza essencial. Spinoza inicia o *Tratado Político* fazendo uma crítica ferina às teorias que se constroem por essa base. No livro *Espinoza: Uma Filosofia da liberdade*, Marilena Chauí nos esclarece: “Angelizando ou demonizando os seres humanos, os filósofos apenas escreveram utopias e sátiras, jamais uma política aplicável”. (CHAUÍ, Marilena; Espinoza, Uma Filosofia da Liberdade – São Paulo, Moderna, 1995, p. 73) A crítica de Spinoza a Hobbes é direta. Contudo é necessário frisar que Rousseau é posterior a Spinoza, o que denota uma certa estagnação dos espantos filosóficos.

A política, diz Spinoza, é condição natural do homem. O homem é parte finita da natureza infinita, sofrendo continuamente ação de outras partes finitas. Quando o homem é afetado passivamente por causas externas é o que Spinoza chama de paixões. No *Tratado Político*, Spinoza afirma existirem duas paixões que são nucleares na compreensão da política. Sendo uma de alegria e uma de tristeza, respectivamente a esperança e o medo. Na *Ética III*, proposição 18, escólio 2, Spinoza define essas duas paixões.

Efetivamente, a esperança nada mais é do que uma alegria instável, surgida da imagem de uma coisa futura ou passada de cuja realização temos dúvida. O medo, por outro lado, é uma tristeza instável, surgida igualmente da imagem de uma coisa duvidosa. Se, desses afetos, excluirmos a dúvida, a esperança torna-se segurança e o medo, desespero, quer dizer, uma alegria ou uma tristeza surgida da imagem de uma coisa que tínhamos ou de uma coisa que esperávamos.

Talvez seja anacrônico utilizar Spinoza para analisar a política do século XX, quando contamos com um incalculável número de trabalhos sobre os estados de exceção que “choveram” após as Guerras e ditaduras. Contudo, levando em consideração que os estados de exceção são instaurados pelo medo, Spinoza foi o que melhor definiu a importante arma política de dominação e controle que é esta paixão negativa. Em *Noturno do Chile*, essa paixão negativa vem codificada pelo anagrama que nomeia o estranho personagem, de tipo kafkiano: Odem. A que se pode acrescentar seu companheiro na narrativa, denominado pelo anagrama Oidó. Vale dizer, ódio.

*Noturno do Chile* aborda o estado de exceção no Chile pela perspectiva dos vencedores, os algozes da Era das derrotas. Seu narrador é o Padre Sebastian Urrutia Lacroix, membro da elite religiosa e intelectual chilena, sendo o extremo oposto dos militantes e intelectuais de esquerda reunidos em torno da Unidade Popular que deram apoio maciço à candidatura de Salvador Allende como Presidente do Chile.

Padre Ibacache, seu pseudônimo, está em crise com sua consciência, sendo vítima de seus próprios vícios e pecados, que retornam em forma de culpa. Farewell, figura típica do intelectual latino-americano ligado ao poder e que serve ao poder, é seu

companheiro e interlocutor durante todo o romance. Farewell, dono de terras, maior crítico literário do país, realizava em sua fazenda festas com padres, poetas, jovens e membros da alta burguesia. No início do romance, Padre Lacroix diz ter a ingenuidade de um passarinho, enquanto Farewell, posto como seu aliciador, configurando uma justificativa para seus atos, é anunciado como uma ave de rapina. Aqui se nota o uso da alegoria, que se desdobra em outros momentos de *Noturno do Chile*: os falcões e os pombos, a violência cega e a vida pacífica, não regida pelo medo.

Na contramão de *Noturno do Chile*, faremos alguma alusões ao romance *Amuleto*, também de Roberto Bolaño. Sua história gira em torno de um episódio marcante e que durante todo o romance retorna e se afirma como presente: a invasão da Universidade Nacional Autônoma do México por tropas militares em 1968. Representando a derrota Latino-Americana de 68, Bolaño escreveu este romance lírico e ao mesmo tempo dissonante. Pela memória de Auxílio Lacouture, a História vai se delineando e se misturando com os relatos ficcionais do romance. Pode-se dizer que *Amuleto* é uma elegia aos jovens derrotados que morreram na luta. Durante um mês, presa e isolada em um banheiro da Universidade ocupada, ela lembra, num tom lírico, às vezes beirando o delírio, seu lugar como mãe de todos os poetas. Os que marcharam cantando para o abismo. E que foram derrotados na luta.

### **O jovem envelhecido**

Narrado por um padre em crise e no fim da vida, *Noturno do Chile* é um acerto de contas que Bolaño faz contra a Instituição Católica que apoiou a ditadura de Pinochet. O Papa João Paulo II chegou a considerar August Pinochet e sua esposa como o casal católico modelo. O padre Sebastián Lacroix, o narrador do romance, era membro do Opus Dei<sup>1</sup>, expressão que em latim significa “Obra de Deus” – fundada pelo sacerdote espanhol Josemaría Escrivá em 1928, que era simpatizante da ditadura implantada na Espanha por Francisco Franco, além de ser seu confessor e de diversos ministros durante a ditadura.

O Padre Sebastián Urrutia Lacroix, na hora de sua morte, recorda de sua vida, o peso da cruz que carrega no nome que o “predestinou” à vida religiosa é agora o peso de sua consciência, a cruz que terá de carregar até o fim próximo, pois já não há tempo para se arrepender e se salvar.

*O modus operandi* do Opus Dei, que inclui as táticas camufladas de captação de membros, a aproximação de jovens e o aproveitamento do fato de terem tido ainda poucas experiências na vida, a confusão entre direção espiritual e atividade de governo e a desigualdade no acesso a informações grupo *versus* indivíduo são elementos que nos permitem concluir que de fato para o Opus Dei o crescimento e a manutenção deste poder tornaram-se um fim em si mesmo, tendo ficado num segundo plano a busca da santidade que, em termos puros, significa a prática de virtudes como a caridade, a justiça e a busca da verdade. (SILVA, 2009, p. 105)

Aos 14 anos Sebastián escuta o “chamado divino” e entra para o seminário. Passando em revista sua vida já bem perto da morte, é açoitado por um personagem, central para a narrativa, denominado *o jovem envelhecido*, que aponta todos seus vícios e pecados, que o questiona duramente, sobre o que poderia ter sido, e não foi, tomando outro caminho. O jovem envelhecido aparece como uma fantasmagoria, dando um caráter surrealista à narrativa histórica do romance. Os seus diálogos com o jovem envelhecido são sempre delirantes. Sebastián nega fazer parte do Opus Dei. Contudo, a negação era uma regra imposta aos membros para que não fossem

descobertos, pois participavam de missões políticas secretas. O seu aliciamento precoce, como forma de moldar sua personalidade, encontra barreiras na autocrítica que se apresenta como o jovem envelhecido. No final do livro, ficamos sabendo que *o jovem envelhecido* é, de fato, um alter ego do próprio Lacroix, seu avesso, mostrando que sua vida poderia ter sido diferente. Mas o jogo já tinha sido jogado, e sua posição era ao lado dos algozes e dos massacres.

Retornando a seu passado, recorda de quando conheceu Farewell, “dias antes de ser ordenado sacerdote ou dias depois”. Bolaño não apresenta gratuitamente os fatos, da real afinidade entre o sacerdote e o crítico literário. São as pistas desse livro alegórico que Bolaño vai deixando pelo romance que temos que seguir e decifrar para que o tamanho de sua grandeza artística seja revelado. Esta é a verdadeira literatura, a que cobra do leitor a atenção aos detalhes.

A cena que se segue, na biblioteca de Farewell, é narrada com uma ironia erótica de Lacroix. É o primeiro indício da relação homossexual entre Farewell e Ibacache.

Farewell me fez sentar ao lado dele. **Bem perto**, ou talvez antes tenha me levado à sua biblioteca ou à biblioteca do clube e, enquanto espiávamos as **lombadas dos livros**, começou a pigarrear, e é possível que, enquanto pigarreava, olhasse para mim de esguelha, mas não posso garantir, porque eu não tirava os olhos dos livros (...) e falamos dos livros **cujas lombadas acabamos de ver e acariciar, meus dedos frescos de jovem recém-saído do seminário, os dedos de Farewell, grossos e já um tanto deformados como cabia a um ancião.** (BOLAÑO, 2009, p. 11) (*Grifo nosso*)

Depois da cena cifrada, que deixa os vestígios de uma relação de pederastia entre o clérigo conservador e o grande crítico literário chileno, Ibacache define-se como um passarinho ingênuo que acaba de ser atraído pela grande ave de rapina que era Farewell que, com a experiência de vida e a verborragia de um intelectual, conseguiu o que desejava. O jovem Padre. Ato contínuo, Farewell convida Sebastian para passar um fim de semana em sua fazenda, que se chamava Là-bas, como no romance de Huysmans.

Com uma enorme perspicácia, o que para um leitor desatento passaria despercebido, Bolaño nomeia a fazenda com o nome de um dos romances mais instigantes de Huysmans, e que aqui tem um valor alegórico poderoso. Não só pelo romance como pelo próprio literato. Discípulo de Zola, o autor decadentista, assim como o narrador de *Noturno do Chile*, convivia com a dicotomia de sua personalidade, que pendia para o bem o para o mal. Sentia a atração pela vida de luxúria que tinha com Farewell, uma fascinação irresistível pela magia sexual e o erotismo mórbido. Do outro lado, havia a busca pela virtude através do caminho espiritual que escolhera seguir quando jovem, os preceitos cristãos e o peso de seus votos sacerdotais, desrespeitados por todo romance, mas com a consciência lhe medindo fixamente durante sua lembrança. Huysmans, após uma vida intensa de vícios e luxúria, converte-se ao catolicismo, sua consciência pendeu para a virtude. Contudo, Sebastian se arrepende tarde demais e o que lhe sobra é a culpa.

Lacroix aceita à fazenda de Farewell. Mas, irônico leitor de Huysmans, não deixa de perceber a referência a um romance em que ocorrem orgias, rituais satânicos, em que um personagem execrável, o cônego Docre, organizador e oficiante das missas negras, corresponde historicamente ao abade Louis van Haecke, em tudo e por tudo o oposto do que significava *abade* para a Igreja Católica: aquele que tem a função de curar as almas, com uma etimologia que remete ao significado hebraico de *pai*. O nome da fazenda de Farewell já sugeria o que iria acontecer.

Ato contínuo, convidou-me para passar o fim de semana seguinte na sua fazenda, que tinha o nome de um dos livros de **Huysmans**, não lembro mais qual, talvez **À rebours** ou **Là-bas**, pode ser até que fosse **L'oblat**, minha memória já não era o que era, creio que era **Là-bas** (...) depois de me convidar, Farewell ficou calado, mas seus olhos azuis permaneceram fixos nos meus, também fiquei calado e não pude sustentar o olhar escrutador de Farewell, baixei os olhos humildemente, como um **passarinho ferido** (...) depois ergui o olhar e meus olhos de seminarista se encontraram com os **olhos de falcão** de Farewell. (BOLAÑO, 2009, p. 12) (*Grifo nosso*)

Ato falho, o primeiro romance que Lacroix se recorda é *À rebours*. No prefácio feito por José Paulo Paes da tradução de *À rebours* é definido o que movia o personagem des Esseintes: “O preço da abundância é a saciedade, o preço da saciedade é o tédio. Para fugir do tédio des Esseintes se vê forçado a refinar cada vez mais os seus prazeres” (PAES, 1987, p.10) Farewell tem uma possível ligação com des Esseintes para Lacroix, mesmo que inconsciente. No romance *À rebours*, des Esseintes desfruta de inúmeros prazeres carnis. Quando se presentia enfasiado, buscava um modo novo de prazer nas excentricidades, em práticas sexuais extravagantes. São três as práticas cruciais que definem o romance de Huysmans: o fetichismo, a perversão e o sadismo.

Bolaño não descreve diretamente o que acontecia na fazenda de Farewell, os sinais que nos dá estão nos detalhes - nos nomes dos lugares ou num ato falho do Padre - que leva ao exercício da memória e da interpretação desses pequenos sinais. O que poderiam ser apenas saraus em uma fazenda se torna um local de orgias. Farewell chega a deixar escapar sua opinião sobre os chilenos, dizendo serem todos sodomitas.

Lacroix, quando está a caminho da fazenda, sente um mal estar, a sua consciência, o jovem adormecido que mais tarde estaria envelhecido para mudar o rumo de sua história, o contraria. Contudo, a sedução pela vida burguesa e seus costumes mundanos vence a batalha. Chega a questionar sua identidade e quando aceita seguir em frente a perde e assume uma nova. O local onde espera a carroça que o levará, como ele define, ao inferno, se chama Querquém. Os pássaros ululam – quem, quem – anunciando quem irá nascer depois daquele fim de semana em Là-bas. Quando finalmente segue o caminho e se livra do conflito interno e dos pássaros de Querquém, sente como um triunfo, se libertando da ambiguidade que o transtornava.

Na fazenda de Farewell se uniam poetas, donos de terras, jovens, casais e agora um membro religioso. As relações homossexuais são indicadas levemente, contudo o conflito do clérigo continuava. O medo do inferno do pecado que estaria cometendo se manifestava em delírios, com visões de anjos, da Besta que o atormenta e do olho punitivo de Deus.

(...) a mão Farewell desceu do meu quadril para a minha nádega, e um zéfiro de rufiães provençais entrou no terraço e fez minha **batina negra** esvoaçar, e eu pensei: O segundo, ai! Passou. Olhe que depois vem o terceiro. E pensei: Eu estava em pé na areia do mar. E vi surgir do mar uma **Besta**. E pensei: Então veio um dos sete anjos que levavam as sete taças e falou comigo. E pensei: Porque seus pecados se amontoam até o céu e Deus lembrou suas iniquidades, então ouvi a voz de **Neruda, que estava atrás de Farewell como Farewell estava atrás de mim**. (BOLAÑO, 2009, p. 23)

Aqui se manifestam a perversão, o fetiche e o sadismo, como no romance de Huysmans. O padre mantinha sua batina durante as relações sexuais. Contudo, o que mais interessa aqui é a referência bíblica. O padre fala de um segundo e um terceiro sinal do que logo viria. No antigo Testamento, dois versículos no Apocalipse anunciam três sinais que viriam do céu. Os dois primeiros apresentam os dois lados da

batalha – a mulher (igreja) e o dragão (diabo). Agora, o terceiro traz a resposta final de Deus, os sete últimos flagelos. São sete anjos com sete taças que significam os flagelos. Os sete flagelos são os açoites enviados por Deus para castigar os homens dignos de sua reprovação.<sup>2</sup>

### **Civilização e barbárie**

Logo no início do romance Lacroix revela o seu desejo de ser um crítico literário, seguindo a vereda aberta por Farewell. Contudo, Farewell logo o desengana: “Neste país de bárbaros, disse, esse mar não é de rosas. Neste país de proprietários rurais, disse, a literatura é uma raridade, e não tem mérito saber ler.” (BOLAÑO, 2009, p. 12). Farewell é o pseudônimo de Gonzales Lamarca, um proprietário de terras, eleito por Bolaño para representar a alegórica figura do intelectual latino-americano. Os escritores, os críticos que se consideram a verdadeira civilização que, por estar em um país de terceiro mundo, precisam conviver com os bárbaros e pobres.

As reuniões em Là-bas uniam os que estavam ligados ao poder e ao Opus Dei. Fica sugerido que Farewell também era membro do Opus Dei no dia em que conhece Sebastián e este reconhece um broche em sua vestimenta símbolos que “não quis interpretar, contudo seu significado não lhe escapou em absoluto”. Além das orgias e reuniões políticas eram realizados saraus. O lugar denotava um típico ambiente burguês, com bibliotecas que continham os clássicos da grande Literatura, como toda biblioteca que se preze. Era uma forma de manter na América Latina um ponto de civilização, a salvando do total selvageria, sendo eles os grandes civilizadores do Chile.

Já na fazenda, Lacroix resolve fazer um passeio, entre a natureza e sombras de árvores. Neste passeio fica claro o tamanho do desprezo pelos que vem de baixo, os chilenos pobres. Sente o cheiro do sabão barato, se enoja com a visão de duas crianças pobres que brincavam nuas em sua inocência e as ironiza com a imagem bíblica de Adão e Eva. Suas ironias, sempre de cunho religioso, revelam o asco que sente pelo catarro que pendia em forma de rosário do nariz até o peito. “Afastei rapidamente o olhar, mas não pude banir um nojo imenso.”(BOLAÑO, 2009, p. 23)

Contudo, o ápice da sua aversão e falsa devoção religiosa acontece numa cabana que avista e na qual decide entrar. Prontamente é acolhido pelos peões e as mulheres que lá estavam. Uma senhora se precipita em lhe pedir a bênção, e nas mãos lisas e cuidadas do padre, com toda a vaidade que não convém a um clérigo, segura a camponesa com suas mãos ásperas do trabalho no campo. No entanto, esse gesto de reverência é intimamente rechaçado pelo padre, seu sentimento concreto é de medo e nojo, mas lhe concede a bênção por convenção. Possui um irrestrito desdém por aquele povo, debocha da sua falta de cultura, da modéstia, a ponto de rir da dicção da mulher que lhe participa sobre o caso de uma criança adoentada.

E alguém falou de uma criança doente, mas com tal dicção que não entendi se a criança estava doente ou já tinha morrido. Para que precisavam de mim? A criança estava morrendo? Chamassem um médico. A criança já tinha morrido fazia tempo? Rezassem então uma novena à Virgem. Roçassem seu túmulo. (...) Meu Deus eu não podia estar em toda parte. (BOLAÑO, 2009, p. 17)

Sua única manifestação de interesse pela criança era se havia sido batizada, sendo assim tudo estaria certo, pois respeitam os sacramentos da Igreja, e a criança não morreria pagã. No entanto, o seu status de padre o agradava, se sentia superior, era padre por vaidade mais que por devoção. A sequência da cena manifesta o oposto

da preterição do padre, os camponeses demonstram cuidado com Lacroix e lhe oferecem o pouco de comida que tem.

Quer um pouco de pão, padre? Vou provar, disse eu. Puseram diante de mim uma lasca de pão. Duro como o pão dos camponeses assado em forno de barro. Levei um pedaço aos lábios. Pareceu-me então enxergar o jovem envelhecido no vão da porta. Mas eram só os nervos. (BOLAÑO, 2009, p. 17)

É a primeira aparição do *jovem envelhecido* exprimindo uma reprovação a toda cena que irá suceder. Lacroix aceita o pão, aqui com grande peso simbólico do corpo de Cristo. Toda a cena representa o ato de comungar, a hóstia dos camponeses oferecida e na falta do vinho, o sangue de cristo, Lacroix a umedece com saliva.

O pão foi escolhido por Jesus para representar seu corpo, era de seu desejo que se manifestasse no alimento mais comum entre os judeus. Cada vez que o corpo de Cristo é consumido o homem se torna em Cristo, pois Jesus agora está dentro dele. O Padre aceita a oferenda, e quando lhe questionam se apreciou o pão seu comentário é hipócrita e lascivo. É apropriado frisar que a crítica de Bolaño aqui não é de cunho moralista pela blasfêmia cometida pelo padre, mas sim como denúncia do cinismo cometido pela Instituição Católica e seus rituais, invalidados pelos próprios eclesiásticos.

Gostou do pão, padre?, perguntou um dos camponeses. **Umedeci o pão com saliva.** Bom, disse eu, muito gostoso, muito saboroso, agradável ao paladar, **manjar ambrosiano**, deleitável fruto da pátria, **bom sustento dos nossos esforçados homens do campo**, ótimo, ótimo. É verdade que o pão não era ruim, e eu precisava comer, precisava ter algo no estômago, de modo que agradei aos camponeses a oferenda, depois levantei, fiz um **senal-da-cruz** no ar, que Deus abençoe esta casa, disse, e fui embora apressado. (BOLAÑO, 2009, p. 17-18) (*grifo nosso*)

Como dito anteriormente, ao comungar do corpo de cristo o homem se torna em Cristo, se convertendo também no divino porque o corpo de Cristo está dentro dele. Simbolicamente, o ato de comungar é o encontro do céu com a terra, a cruz leva este significado, a parte vertical é a terra e a horizontal é o céu. Como o sinal-da-cruz que Lacroix gesticula com pouco caso. A palavra manjar, que utiliza cinicamente para definir o pão dos camponeses, é mencionada na bíblia como algo sagrado. No antigo testamento o povo judeu passava fome no deserto e o maná foi o pão que desceu dos céus para alimentar o povo<sup>3</sup>. No Novo Testamento Jesus se auto intitula: Eu sou o pão vivo que desceu dos céus, fazendo menção à passagem do maná do antigo testamento.<sup>4</sup>

Após a ligeira visita aos camponeses, Lacroix volta apressadamente à civilização. No pavilhão de caça se demora admirando toda cultura que ali se deposita, “Numa parede se amontoava o melhor e mais conceituado da poesia e da narrativa chilena (...) Disse comigo mesmo que meu anfitrião era sem dúvida o estuário onde se refugiavam (...) todas as embarcações literárias da pátria.”(BOLAÑO, 2009, p. 18) A casa de Farewell, segundo a definição de Lacroix, parecia um transatlântico, era em sua concepção um porto que acumulava riqueza e cultura.

A perfeita manifestação da coexistência entre civilização e barbárie incide na cena depois do encontro com a da pobreza na expedição que Lacroix faz na parte externa da casa de Farewell. Empregamos o vocábulo expedição como um eufemismo, para não utilizar a expressão safári, que pejorativamente caberia aqui,

dado o juízo que Sebastián tinha dos pobres como selvagens, na aceção de não terem sido ainda civilizados ou mesmo domesticados.

Adverso ao ambiente e ao “maná” dos camponeses que Sebastián acabara de visitar e degustar se apresenta a cena da patuscada na casa grande de Farewell. “O jantar é delicioso. Salada à chilena, pedaços de caça acompanhados de um molho bearnês, còngrio, que Farewell mandou vir do litoral, ao forno. Vinho de colheita própria. Elogios” (BOLAÑO, 2009, p. 20) Aversa à má dicção da camponesa e do empregado que conjuga o verbo *comboiar*, está a conversa que segue após o jantar até altas horas. Neruda recita versos, sua mulher põe músicas na vitrola, um verdadeiro ambiente burguês e culto, é a civilização em sua máxima manifestação.

## O caminho chileno

Por isto, o caminho chileno. Que é o caminho de todo um povo, disposto a fazer a revolução é mais invulnerável ao ataque do imperialismo norte-americano e mais efetivo quanto aos seus resultados do que o levante heroico de um grupo de rapazes em uma montanha ou na cidade para derrubar um governo.

O governo de unidade popular que terá lugar no Chile, que deve ter lugar no Chile, com a designação de Allende como Presidente da República, não é necessariamente um governo de filiação marxista. É um governo de união que compreenderá os comunistas, socialistas e radicais.<sup>5</sup>

Quando a Unidade Popular (UP), aliança de esquerda liderada por Salvador Allende, vence as eleições chilenas realizadas em setembro de 1970, essa época configura-se como um dos momentos mais instigantes e ao mesmo tempo mais dramáticos da história da América Latina. Sua estratégia política era a de fazer uma transição do capitalismo ao socialismo por meio de vias democráticas, tomando por base a *via pacífica*. Essa política foi determinada a partir das teses do XX Congresso da União Soviética, três anos após a morte de Stalin. Nesse Congresso foi desenvolvido o código da coexistência pacífica entre países socialistas e capitalistas, dado o contexto da Guerra Fria, a fim de evitar uma Terceira Guerra Mundial, que era o grande temor da época.

Esta via pacífica passa pela experiência chilena. Corroborando a tese do Partido Comunista francês, que acreditava que a união dos partidos de esquerda permitiria uma formação suficientemente forte para derrotar a burguesia: “depois do êxito de Salvador Allende, um certo número de democratas inclusive alguns democrata-cristãos, inicialmente reticentes em relação a Unidade Popular, agora oferecem seu apoio.”<sup>6</sup>

Antes da vitória de Allende, o Programa da Unidade Popular chilena organizou um projeto que visasse à transição para o socialismo, que fora aprovado em 17 de dezembro:

Chile vive una crisis profunda que se manifesta en el estancamiento económico y social, en la pobreza generalizada y en las postergaciones de todo orden que sufren los obreros, campesinos y demás capas explotadas, así como en las crecientes dificultades que enfrentan empleados, profesionales, empresarios pequeños y medianos y en las mínimas oportunidades de que disponen la mujer y la juventude.<sup>7</sup>

Georges René Louis Marchais, em 1970, faz um discurso em Lille: “Estou seguro de que, se tal intervenção chegar a ocorrer no Chile o PC francês e, estou certo, o resto dos partidos de esquerda, tomarão iniciativas que levem o total apoio dos democratas franceses a nossos camaradas chilenos.”<sup>8</sup> Em 1975, dois anos após o



golpe de Estado e o suicídio de Allende, em uma declaração comum elaborada em função do encontro realizado, entre Enrico Berlinguer e Georges Marchais, se partia do princípio comum de que apenas “uma política de profundas reformas democráticas” poderia favorecer o desenvolvimento da democracia na direção do socialismo.

Após quatro consecutivas candidaturas às eleições presidenciais, Allende era respeitado politicamente, sendo eleito na última, em 1970. Apesar de apenas três anos no cargo, ficou conhecido por sua conduta que prezava a tentativa de estabelecer um equilíbrio entre os partidos de esquerda. Allende buscava o apoio da maioria, crendo que pela via democrática chegaria ao socialismo. Na prática sua atitude era a de valorizar o trabalhador e seguir a *via pacífica*.

As citações que seguem são, respectivamente, de Salvador Allende em sua última aparição como presidente e de sua filha Beatriz “Tati” Allende, contando como foram suas últimas horas no Palácio de La Moneda na fatídica manhã de 11 de setembro. As cenas foram gravadas pelo cineasta Chris Marker no filme *Le fond de l’air est rouge*, dividido em duas partes – *Les mains fragiles / Les mains coupées*. Os depoimentos se encontram na segunda parte do filme:

Tenho que falar com vocês, explicar as coisas. Vocês têm que entender. E se não for pela razão, ou pela força moral, não tenho mais nada que fazer, companheiros. O que poderia? Vou me deitar tranqüilo sabendo que este país, se não tomarmos decisões drásticas, entrará numa espiral inflacionária que nos afogará em papel? Não. Não posso fazê-lo. Nós temos todas as desvantagens do sistema capitalista. E nenhuma das vantagens do socialismo. Estamos esmagados no meio, como sanduíches.

Ontem eu dizia a uns companheiros: "Que coisa mais dramática para mim. Só posso andar de carro, entre outros dois, por segurança. Porque há quem deseje que eu não goze de tão boa saúde..."

Havana, setembro de 1973

Não venho fazer discurso. Apenas dizer a este povo solidário e fraterno como foram nossas horas no Palacio de La Moneda na manhã de 11 de Setembro. Neste ato de solidariedade com o Chile, quero dizer-lhes o que meu pai pediu que lhes transmitisse sob o fogo do combate.

"Diga a Fidel que cumprirei com meus deveres"

Hoje, deste território livre na América, podemos dizer ao Companheiro-Presidente que seu povo não desistirá, nem baixará a bandeira da revolução. A luta contra o fascismo começou. E terminará no dia em que tivermos o Chile livre, soberano, socialista pelo qual lutaste e entregaste tua vida. Querido Companheiro-Presidente:

Venceremos!

### **A tormenta de merda**

(Mújica, Partido Comunista venezuelano)

O caso cubano não se repetirá na América Latina pois, como dizia Marx, a história não se repete, e quando se repete um fato histórico, é em forma tragicômica.<sup>9</sup>

Um dos fatos mais importantes destes anos da década de 70, foi, sem dúvida, uma tragédia: a insurreição militar que em 11 de setembro de 1973 derrubou o governo democrático de Salvador Allende e mergulhou o Chile num banho de sangue. (GALEANO, 1978, p. 190)

Quando a verdade se apresenta, as torturas, o governar pelo medo vem à tona. Todos os responsáveis negam sua participação na História sombria do Chile. Ninguém tem culpa, como em todo regime totalitário quando cai. O trecho a seguir é

do filme *Nuit et Brouillard (Noite e neblina)*, de Alain Resnais, com a colaboração de Chris Marker. Foi escrito por Jean Cayrol, membro da Resistência Francesa preso em um campo de concentração, testemunha do que foi o terror dos campos:

Quando os aliados abrirem as portas. Todas as portas. Os deportados olham sem perceber. Será que estão livres? Será que a vida quotidiana os vai reconhecer?

"Eu não sou responsável", diz o Kapo.

"Eu não sou responsável", diz o oficial.

"Eu não sou responsável."

Então, quem é responsável?

No mesmo instante que lhe estou a falar a água fria das marés e das minas enchem os buracos onde se encontravam os cadáveres. Uma água fria e opaca como a nossa péssima memória. A guerra adormeceu. Um olho sempre aberto.

A erva fiel voltou de novo à praça das chamadas, à volta dos blocos. Uma aldeia abandonada ainda cheia de ameaça. O crematório está arruinado, os artifícios nazis estão fora de moda. Nove milhões de mortos assombram esta paisagem. Quem, de nós, vigia este estranho observatório, para nos avisar da chegada de novos carrascos? Será que eles têm uma cara diferente da nossa?

Alguns, entre nós, ainda existem uns Kapos sortudos, uns chefes recuperados, denunciadores incógnitos.

Ainda há os que não acreditavam, ou só de vez em quando. Ainda há os que olham sinceramente para estas ruínas como se o velho monstro dos campos estivesse morto por baixo dos escombros que fingem ter esperança à frente desta imagem que se afasta como se curasse a peste totalitária.

Nós que fingimos acreditar que isto tudo pertence a um único tempo e a um único país e que não olhamos à nossa volta. E que não ouvimos que se grita sem fim.<sup>10</sup>

Em *Noturno do Chile*, temos o exemplo do romancista de esquerda que participava de reuniões na casa de María Canales, onde aconteciam torturas, mas que nega sua participação, diz nunca ter estado naquela casa. "Mas havia escritores que iam toda semana. Ou mais! Agora todos negam." As reuniões na casa de María Canales são um perfeito liame entre civilização e barbárie. A crítica de Benjamin já anunciava que o progresso apenas técnico e material das sociedades modernas viria acompanhado de regressão na sua outra ponta.

A representação de um progresso do gênero humano na história é inseparável da representação do avanço dessa história percorrendo um tempo homogêneo e vazio. A crítica à representação desse avanço tem de ser a base crítica da representação do progresso em geral. (BENJAMIN, 1996, p. 229)

Michael Löwy, em *Aviso de incêndio*, onde faz uma análise talmúdica de cada uma das *Teses sobre o conceito de história de Benjamin*, nos esclarece: "Não há, portanto, progresso 'automático' ou 'contínuo'; a única continuidade é a da dominação e o automatismo da história simplesmente reproduz esta ("a regra")." (Löwy, 2005, p. 117)

Enquanto se organizavam os saraus literários, com intelectuais, poetas e literatos, concomitantemente presos políticos eram torturados no subsolo da casa. Jimmy Thompson, marido de María Canales, havia sido um dos principais agentes da DINA e utilizava sua casa como centro de interrogatórios. Na sala, o ambiente asséptico, a erudição emanava, lá estavam os detentores da cultura, a nata da civilização chilena. A pergunta que ecoa na cabeça dos torturados é: quem são os bárbaros? No subsolo do sarau literário "civilizado", estão os "bárbaros", os que estariam contra a marcha civilizatória, na verdade os que lutaram contra o regime

ditatorial de Pinochet, sendo torturados, perdendo sua humanidade, sua dignidade, derrotados em sua crença de que a história poderia tomar outro rumo.

Muitos dos assépticos e civilizados frequentadores dos saraus cruzavam o labirinto da casa e chegavam até o porão e lá viam homens amarrados, machucados, com venda nos olhos. A cena chocava, mas ao voltarem à sala bebiam um copo de whisky e esqueciam, se faziam de cegos. O que os tornava condescendentes com a tortura, a humilhação e o assassinato, quando não com a morte efetiva da alma dos que foram torturados. O silêncio que imperava não era o da falta de palavras, das palavras essenciais que não se podem ouvir e nem ser pronunciadas, é o silêncio pelo qual Sebastián se responsabiliza no início do romance. É quando se pode fazer algo e não se faz, porque se fechando os olhos, o problema está liquidado.

“Em agosto de 1976, Orlando Letelier publicou um artigo denunciando que o terror da ditadura de Pinochet e a liberdade econômica de pequenos grupos privilegiados eram faces da mesma moeda.” (GALEANO, 1978, p. 198) É a dialética do progresso que promove regressão, que Walter Benjamin anunciava já antes da Segunda Guerra. Promete-se uma emancipação técnica e econômica, e em troca se devolve a realidade da opressão. Mais tarde se ficou sabendo que Jimmy foi o assassino de um dos ministros de Allende, Orlando Letelier, que estava exilado nos Estados Unidos, e na cidade de Washington, em 21 de setembro, sofreu um atentado. Em artigo publicado em 28 de agosto no *The Nation* se “afirmava que é absurdo falar em livre concorrência.”

Letelier descrevia o esmero com que se desmontavam as conquistas realizadas pelo povo chileno durante o governo da unidade Popular. Dos monopólios e oligopólios industriais nacionalizados por Salvador Allende, metade foi devolvida, pela ditadura, a seus antigos proprietários e a outra metade foi posta à venda.

Diversos aliados de Allende foram assassinados no exílio. Dentre os mais notórios figura o General Carlos Pratts, cujo automóvel explodiu em uma garagem. Era o pavor dos EUA que o Chile se tornasse socialista e aliado da URSS, pois tinham grande interesse no cobre chileno. As reservas norte-americanas tinham caído em mais de 60%. Galeano fala da grande propaganda política, incentivada e financiada pelos EUA contra o governo de Allende.

A guerra bacteriológica da direita, planejada campanha de propaganda, destinada a semear o terror para evitar a nacionalização do cobre e as demais reformas de estrutura anunciadas pela esquerda, tinha sido tão intensa como nas eleições anteriores. Os jornais exibiam pesados tanques soviéticos rondando o palácio presidencial de La Moneda; sobre as paredes de Santiago os guerrilheiros barbudos apareciam arrastando jovens inocentes rumo a morte; (GALEANO, 1978, p. 195)

Contudo, apesar da política do medo favorecida pelas cicatrizes deixadas pelas duas grandes guerras anteriores e o período que foi chamado de Guerra Fria, o Chile, como nos descreve Galeano, “não estava ao alcance de uma súbita expedição de marines, e, afinal das contas, Allende era presidente com todos os requisitos da democracia representativa que o país do norte formalmente prega.” (BOLAÑO, 2009, p.9)

“A política de Allende não agradava os latifundiários, nem os donos do cobre, que eram os donos do Chile. O descontentamento fica claro quando Sebastián mostra todo seu desprazer com a vitória de Allende. Teria perdido sua paz e sossego. Farewell representava os latifundiários que perderam suas terras pelo projeto de

reforma da Constituição que previa a expropriação de terras e a nacionalização da grande mineração. A política de nacionalização das grandes mineradoras era para evitar que ocorresse o mesmo que aconteceu com o salitre, em que os impostos pagos ao governo não compensavam o esgotamento dos recursos naturais.” (Galeano, 1978, 195)

### **A missão de Lacroix e seu juízo final**

Sebastian, no início do romance, anuncia sua paz perdida, e para retornar a paz interior que manteve até àquela hora começa a narrar sua história. Sua última tentativa de encontrar alguma justificativa para seus erros. É o momento do seu juízo final, precisa prestar contas a Deus, pois tem “a obrigação moral de ser responsável por seus atos e também por suas palavras, inclusive por seus silêncios”. (BOLAÑO, 2009, p.9)

Mas ainda tenho forças para recordar e para responder às ofensas desse jovem envelhecido que de repente chegou à porta da minha casa e, sem nenhuma provocação, insultou-me. Que isso fique claro. Eu não procuro confronto, nunca procurei, procuro a paz, a responsabilidade dos atos, das palavras e dos silêncios. (BOLAÑO, 2009, p.10)

Sebastián assume a culpa por seus atos, por suas palavras e por seus silêncios. Porque silenciar é compactuar com o massacre. Quando o terror se estabelece no Chile, já nas primeiras manifestações contra Allende, Ibacache se omite, se esconde, vai ler e reler os gregos como forma de alienar-se para não assumir sua posição contra Allende e a esquerda. Em momento algum Ibacache assume a sua posição política claramente, ficando visível apenas nas suas atitudes e comentários direitistas

Busca refúgio na pretensa civilização, nos clássicos gregos, na alta cultura do presente, como contraponto e linha de fuga para o peso do presente, do Chile de Allende e da luta política que se trava. Por certo que Lacroix não estava alheio ao que se passava em seu país. Quando Allende é derrotado, e se suicida, Padre Ibacache sente uma súbita paz, indicando claramente sua posição escapista e conservadora. *Noturno do Chile* é uma crítica à omissão dos intelectuais, dos críticos literários, dos que freqüentam as salas do poder. Por essa via, compara a cultura a uma prostituta. Diante do terror e do medo, fazem vista grossa.

Bolaño não perdoa essa omissão, ele que retornou ao Chile para fazer a revolução quando Allende é eleito. Decepciona-se com a história e também com a militância que se perdeu. Sua prosa é política, mas passa ao largo do discurso militante ou ainda do panfletário. O leitor do *Noturno do Chile*, e da obra de Bolaño há de notar a intensidade da prosa ao mesmo tempo poética e política do escritor chileno, um dos indicadores seguros da qualidade de sua obra literária.

### **Os vencidos / A história a contrapelo**

*Imaginava a poeira do mundo(...)via turbilhões de poeira, nuvens de poeira que se materializavam num pampa que existia no fundo da minha memória...* (BOLAÑO (2), 2009, p. 11)

Voltando ao romance *Amuleto* e ao relato de Auxilio Lacouture, durante um mês presa e sitiada na Universidade ocupada pelos militares. Ao modo elegíaco, *Amuleto* dá forma à derrota de 68, às esperanças da época, ao sentido da história de uma encruzilhada difícil e perigosa. É um relato lírico e dissonante, de uma rara

beleza. É a elegia da juventude latino-americana que lutou e foi derrotada em 68. Que lutaram e morreram na luta.

Auxilio Lacouture, este é o nome da narradora de *Amuleto*. Um nome emblemático, personificado na personagem que destoa de qualquer figura feminina burguesa. Ao contrário, Auxilio representa o anticapitalismo ao extremo. Desde a sua auto descrição física, totalmente fora dos padrões burgueses, por exemplo total falta de bens de consumo. Auxilio não se prendia aos fetichismos da mercadoria, do banal e fútil. Até seus livros e objetos afetivos ia perdendo, denotando um total desapego.

Os personagens de *Amuleto*, e a narradora, encarnam vidas solitárias que figuram limites tênues entre ficção e realidade e vagueiam sem qualquer pretensão de reencantar o mundo. Muito pelo contrário, estão marcados pela melancolia e pelo sofrimento diante da inexorabilidade do tempo e do destino. Como o quadro de Paul Klee na trágica análise de Benjamin em suas teses “Sobre o conceito de História”. O olhar dialético do *Angelus Novus* desconstrói os acontecimentos sucessivos e enxerga somente estratos de destruição. Seus narradores e protagonistas, assim como o anjo, veem na História o inevitável vento do progresso ruinoso que devasta.

Sem conformismo ou idealização, mantendo a dissonância necessária às obras, as lembranças desabam sobre os protagonistas. Os personagens percorrem trajetos e memórias, numa narrativa da viagem, do exílio e do desvio por excelência.

O idealismo dos jovens termina no último parágrafo de *Amuleto*. Com as mãos frágeis tentaram a revolução, agora com as mãos cortadas seguem para o abismo. A morte em massa daqueles que honraram a história da América latina e acreditaram que esta poderia ter sido outra.

Tudo o que escrevi é uma carta de amor ou de despedida de minha própria geração, nós que nascemos na década de 50 e que escolhemos em um dado momento o exercício da milícia, neste caso seria mais correto dizer a militância, e entregamos o pouco que tínhamos, que era nossa juventude, a uma causa que acreditamos a mais generosa das causas do mundo e que, de certa forma, o era, mas que na realidade não era. Nem é preciso dizer que lutamos com grande empenho, que tivemos chefes corruptos, líderes covardes, um aparelho de propaganda que era pior que um leprosário, lutamos por partidos que se houvessem vencido nos teriam enviado de imediato a um campo de trabalhos forçados, lutamos e pusemos toda nossa generosidade num ideal que havia mais de 50 anos estava morto, e alguns o sabíamos, e como não iríamos saber se havíamos lido Trotsky ou éramos trotskistas, mas mesmo assim o fizemos, porque fomos estúpidos e generosos, como são os jovens, que entregam tudo e não pedem nada em troca, e agora desses jovens já não resta nada, os que morreram na Bolívia, morreram na Argentina ou no Peru, e os que sobreviveram foram morrer no Chile ou no México, e aos que não mataram ali serão mortos depois na Nicarágua, na Colômbia, em El Salvador. Toda América Latina está semeada com os ossos desses jovens esquecidos.<sup>11</sup>

## Notas

<sup>1</sup>Trata-se de uma prelazia pessoal, figura jurídica da Igreja Católica que está prevista no Código de Direito Canônico (a constituição da Igreja). Ela dá aos seus membros o direito de seguir ordens do prelado (o líder máximo do Opus, que fica em Roma), em vez de obedecer à autoridade católica regional. Simplificando grosseiramente, é como se o grupo fosse um braço independente da Igreja, que não deve explicações a mais ninguém além do papa.

<sup>2</sup>Antigo Testamento. (Apocalipse 15:1-8)

<sup>3</sup>Antigo Testamento (Exodus :16)

<sup>4</sup>Novo Testamento (Mateo's :26; 26)

<sup>5</sup>Le fond de l'air est rouge (les mains coupées)

<sup>6</sup>Le fond de l'air est rouge (les mains coupées)

<sup>7</sup>Programa da unidade Popular, Santiago: editorial 30 años, p.12

<sup>8</sup>Programa da unidade Popular, Santiago: editorial 30 años, p.12

<sup>9</sup>Le fond de l'air est rouge. (les mains coupées)

<sup>10</sup>Nuit e brouillard, Dir. Alain Resnais e Chris Marker. (1955)

<sup>11</sup> Entrevista com Bolaño em Caracas, em 2 de agosto de 1999, quando recebeu o prêmio Rómulo Gallegos.

## BIBLIOGRAFIA

BENJAMIN, Walter. Magia e técnica, arte e política. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 2004.

BÍBLIA SAGRADA, Nova Edição Papal, Traduzidas das línguas originais com uso crítico de todas as fontes Antigas pelos Missionários Capuchinhos, Editora Stampley.

BOLÃO, Roberto. Noturno do Chile. SP, Cia das Letras, trad. Rodrigo Brandão, 2004.

\_\_\_\_ (2). Amuleto. SP, Cia das Letras, trad. Eduardo Brandão, 2004.

CHAUÍ, Marilena. Espinosa: uma filosofia da liberdade. São Paulo: Moderna, 2001.

\_\_\_\_. "Poder e liberdade: a Política em Espinosa". Em Cadernos de Ética e Filosofia política, São Paulo: USP, Departamento de Filosofia, n.4, 2002.

SPINOZA, B. de. Ética. Trad. de Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

\_\_\_\_. Tratado político. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

GALEANO, Eduardo. As Veias abertas da América Latina. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

HOBBSBAWM, Eric. Era dos extremos: o breve século XX: 1914-1991. Companhia das Letras, São Paulo 2010.

LÖWY, Michael. *Aviso de Incêndio: Uma leitura das teses "Sobre o conceito de história"*. São Paulo: Boitempo, 2005.

MATTOSO, José; Abade, in "Enciclopédia Verbo Luso-Brasileira da Cultura, Edição Século XXI", Volume I, Editorial Verbo, Braga, Janeiro de 1998

MUCCI, Latuf Isáfas. Ruína e simulacro decadentista. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1994.

PAES, José Paulo. "Huysmans ou a nevrose do novo". In.: HUYSMANS, J. K. (Op. cit.).

\_\_\_\_. Prefácio. In: HUYSMANS, J.K. *Às Avestas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

PAGLIA, Camille. *Personas sexuais*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

SILVA, Márcio Fernandes da. *Educar para a submissão: o caso Opus Dei; Orientação: Luis Jean Lauand*. São Paulo: USP, 2009.